

Poemas **negros**

de Jorge de Lima

por Mariana Oliveira Felix de Mello Chaves



AOL

Análise de Obras Literárias

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

EXPEDIENTE



Diretor Geral:
Roger Trimer.

Gerente editorial:
João Carlos Puglisi.

Coordenadora de projeto editorial:
Marília L. dos Santos G. Ribeiro.

Assistente de coordenação de projetos editoriais:
Yara C. de Oliveira.

Coordenadora de produção editorial:
Livia Scherrer dos Santos.

Colaboradora externa:
Thalita Diniz.

Editora de texto:
Tamires Faria Fonseca.

Coordenadora de revisão:
Mariana Castelo Queiroz.

Revisora:
Ciselle Lourenço e Vivian Prado de Souza.

Editores de arte:
Kleber S. Portela e Wellington Paulo.

Diagramador:
Alexandre Moreira Lemes.

Ilustrador:
Pedro Luis Nogueira Junior.

Coordenadora de licenciamento:
Kelly Garcia.

Analistas de licenciamento:
Letícia Aparecida Tashiro, Margarita Veloso e Souza e Nathalie Furtado Dias Pimentel.

Analista de produção editorial:
Claudia Moreno Fernandes.

Coordenador de PCP:
Anderson Flávio Correia.

Analista de PCP:
Vandré Luis Soares.

Projeto gráfico e capa:
Kleber S. Portela.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

Poemas negros

de Jorge de Lima



AOL

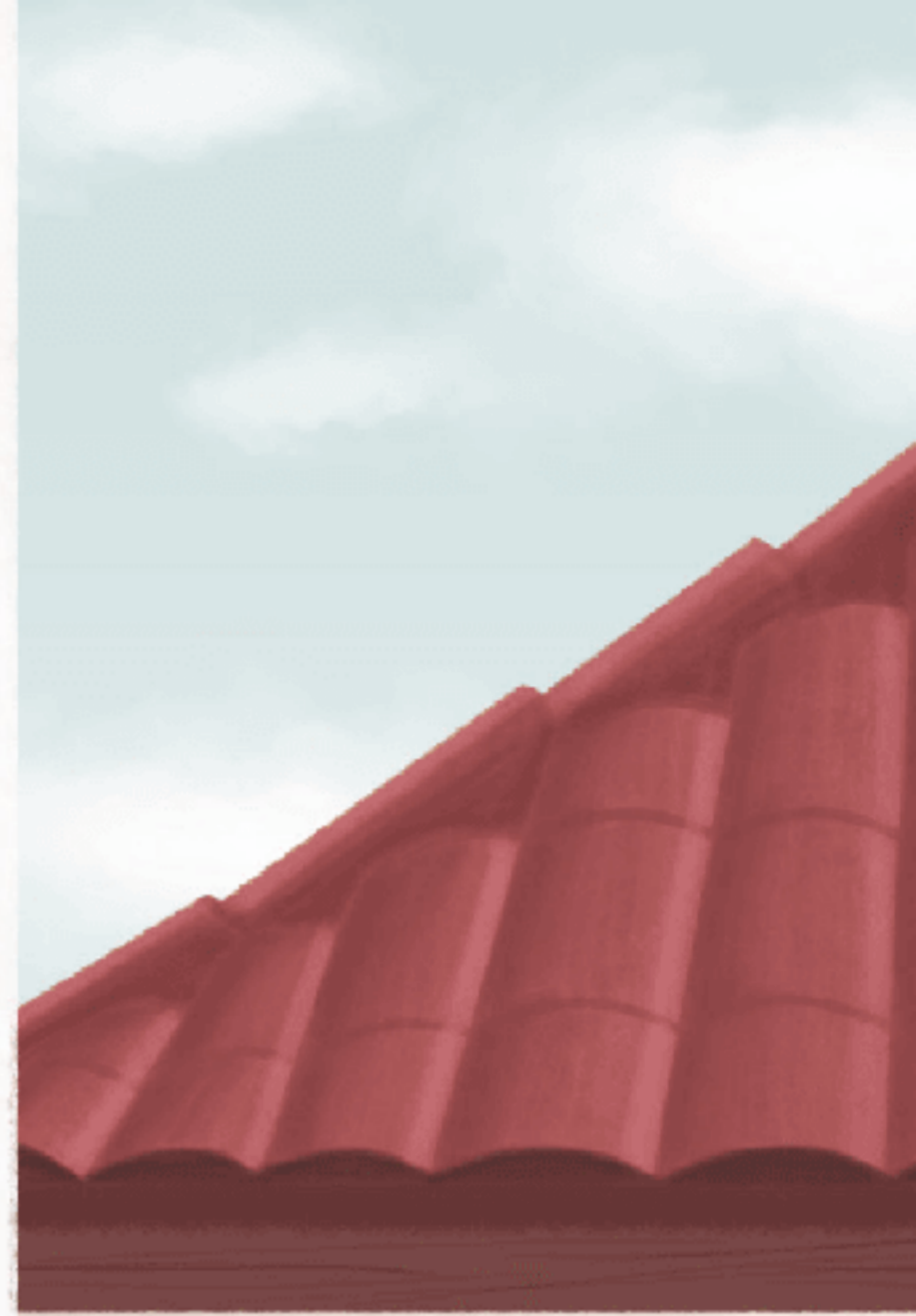
Análise de Obras Literárias

Poemas **negros**

de Jorge de Lima

Jorge de Lima foi um poeta do século XX que dedicou muitos versos a uma questão bastante atual: o reconhecimento da afrodescendência do povo brasileiro. Esse é um aspecto fundamental de nossa história e formação, decisivo para a construção de uma sociedade mais igualitária. Nesse contexto, em *Poemas negros*, há poemas que nos ajudarão a refletir sobre a realidade africana no Brasil.





INTRODUÇÃO ▼

Vivemos uma fase em que a tolerância e a quebra de paradigmas são assuntos prioritários em nossa sociedade. Existem muitas formas de segregação e, nesse sentido, é sempre necessário destacar a questão da cor da pele, visto que essa diferença superficial é usada como justificativa para uma cultura histórica de discriminação, responsável por séculos de silêncio e marginalização de grupos e culturas de origem africana. Esse fato sempre causou indignação, e, recentemente, têm se intensificado os discursos que revelam a realidade vigente do preconceito racial que se enraizou no mundo e, particularmente, no Brasil.

De um modo geral, a literatura brasileira possui poucas palavras sobre os negros. Nossos primeiros relatos – que eram dependentes diretos da literatura portuguesa – contemplavam apenas o indígena e forjavam sua integração com a realidade europeia que se instalava aqui, em uma combinação que, aos poucos, nos garantiu imagens próprias e “autênticas”.

Nesse contexto literário, os escritores românticos exerceram um papel essencial nessa composição imaginada do povo brasileiro – o resultado da união entre o europeu e o indígena. Até então, o negro era praticamente ignorado nesse arranjo coordenado pela literatura, embora no cotidiano ele estivesse muito mais presente entre as famílias europeias do que o indígena. Por isso, é preciso sempre questionar – e atualizar – os critérios que foram adotados para a cristalização do cânone literário.

Gilberto Freyre, autor de *Casa-grande & senzala* e também do prefácio de *Poemas Negros*, exerceu um papel fundamental ao inserir o negro nessa figuração do povo brasileiro. Nesse prefácio, o autor destaca, sobretudo, a importância de um material poético que contemple a presença integral do negro.

De fato, é muito rico o relato dessa coletânea de descrições poéticas da realidade brasileira do início do século XX – época de transição entre os engenhos e a modernidade industrial. Poucos poetas souberam expressar a brasilidade de forma tão naturalmente

entranhada na africanidade como fizera Jorge de Lima. Ele detinha a combinação ideal e equilibrada entre o domínio dos instrumentos literários e a vivência cotidiana e genuína da realidade dos negros.

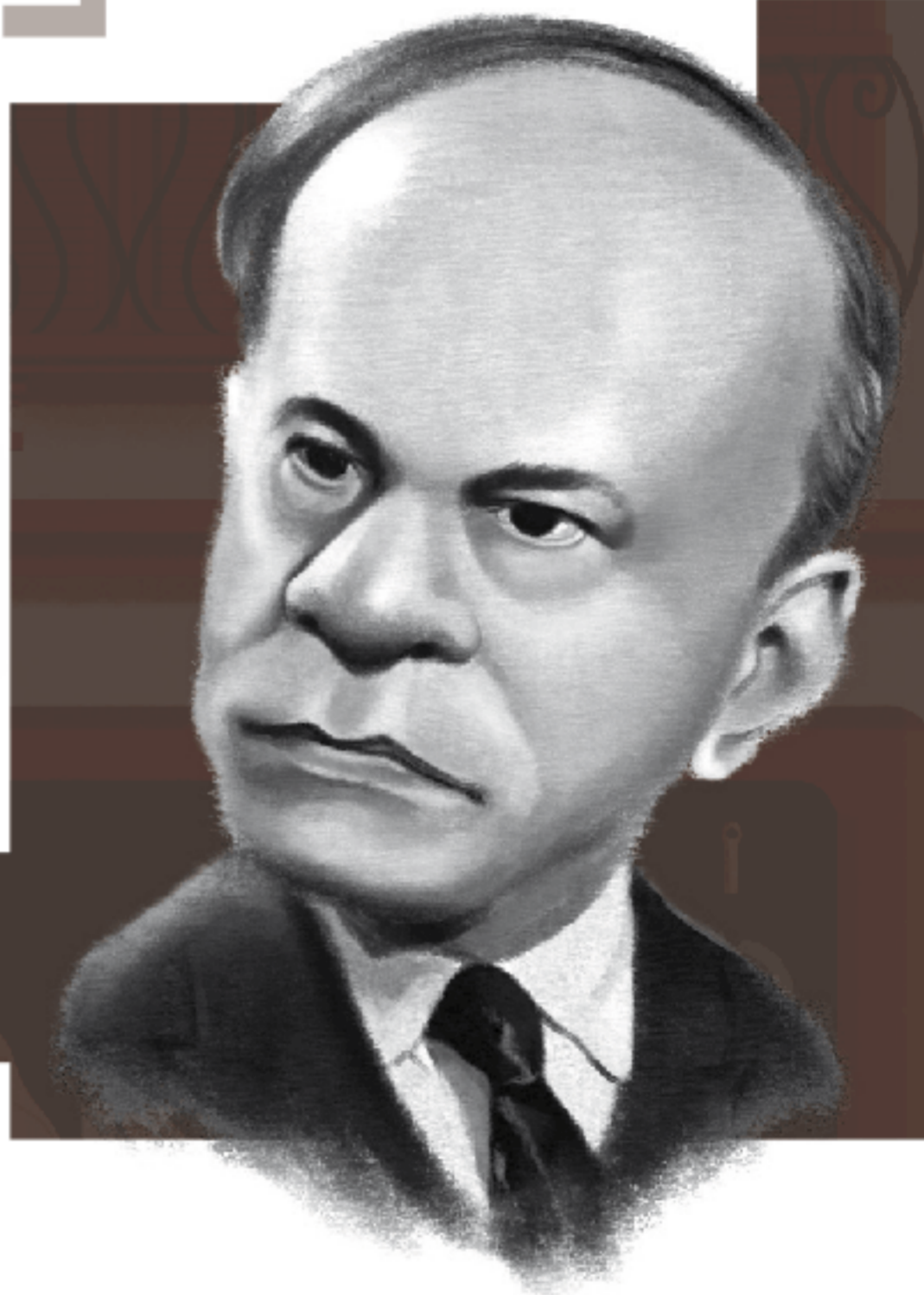
Dessa combinação, surgiram retratos muito sensíveis que atraíram a atenção de literatos consagrados, como Gilberto Freyre, que considerou Jorge de Lima “um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos”. Além disso, Jorge de Lima correspondeu-se com importantes escritores, tais como Graciliano Ramos, Jorge Amado e Murilo Mendes, recebeu elogios veementes e foi contemplado em sua fortuna crítica por nomes como Mario de Andrade e Roger Bastide. Entretanto, o poeta alagoano nunca foi integrado aos membros da Academia Brasileira de Letras, apesar de ter lançado sua candidatura ao menos quatro vezes.

É considerado, então, um escritor muito talentoso, mas “injustamente esquecido”, chegando a ser difícil encontrar seus livros nas grandes livrarias. Há, portanto, em Jorge de Lima, um poeta a ser explorado, reconhecido e contemplado. Qualquer observação um pouco mais aprofundada de seu trabalho surpreende e revela um grande poeta, pioneiro em vários aspectos, que merece emergir no cânone brasileiro de Letras.

Observação:

Além de Jorge de Lima, houve outros escritores que representaram o negro. Entre eles, é importante destacar Castro Alves, Joaquim Nabuco, Ascenso Ferreira, Mario de Andrade e também Machado de Assis, que chegou a reconhecer a herança escravocrata de nossa sociedade, observando a relação conturbada dos brancos com os negros e apontando os problemas sociais instaurados pela colonização.

SOBRE O AUTOR ▼

JORGE
DE LIMA

Pequena biografia

Jorge de Lima nasceu em 1893, em União dos Palmares, no Estado de Alagoas. Descendente de indígenas, filho de negociante e neto de senhor de engenho, passou sua infância na casa-grande, observando paisagens, pessoas e costumes que marcaram toda sua obra. Suas impressões se dividiam entre o sobrado português de sua cidade natal e as paisagens da Serra da Barriga, onde se escondiam os quilombos e também onde proliferavam as lendas, assombrações e inúmeras histórias que rondavam aquela mata densa.

Levado para conhecer essa serra quando tinha oito anos, diz que foi quando viu o imenso panorama que o circundava que se sentiu tocado pela poesia. Mesmo depois de muitos anos, essas paisagens naturais – Rio Mundaú, Serra dos Macacos, planície de Jatobá – foram temas de alguns poemas da fase conhecida como “nordestina” da sua poesia. Foi também na sua infância que aconteceu o convívio direto com a realidade tanto dos negros fugidos quanto dos senhores escravocratas.

Jorge de Lima viveu parte de sua vida em Macaíó e iniciou os estudos de Medicina em Salvador, formando-se aos vinte anos, no Rio de Janeiro. Além da carreira médica, exerceu cargos políticos (deputado e vereador) e, desde jovem, dedicou-se à literatura – seu poema “O acendendor de lampiões” foi escrito quando ele tinha apenas treze anos.

Sua carreira artística foi bastante diversificada: foi pintor, desenhista, ilustrador, escultor, poeta, romancista, professor de história natural e literatura brasileira. Além disso, foi pioneiro no Brasil ao trabalhar com fotomontagens.

Em 1930, ano em que se intensificaram os movimentos que marcaram o fim da República Velha no Brasil, Jorge de Lima estabeleceu sua vida e residência no Rio de Janeiro e montou seu próprio consultório médico na Cinelândia, o qual funcionava também como ateliê e local de reunião de artistas e intelectuais. Além disso, por considerar-se um cristão, dedicava-se bastante à religiosidade, que passou a ser refletida por muitos de seus poemas.

Ainda novo, com 58 anos de idade, Jorge de Lima faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1953.

O autor e seu período

Jorge de Lima foi um poeta em constante mutação, que transitou entre diversos momentos literários, atravessando diferentes fases e estilos. Na pintura, também foi um grande artista que passou despercebido, apesar

de ter se dedicado e sido o primeiro artista brasileiro a produzir fotomontagens. Suas obras dialogam em grande estilo com as vanguardas europeias e foram comparadas com as propostas de Max Ernst e Salvador Dalí.

Em 1943, lançou o livro de fotomontagens *A pintura em pânico*, que merece destaque, sobretudo, pela importância da iniciativa naquele período de inovações artísticas e efervescência das vanguardas europeias. Seu trabalho foi apresentado na época por Mario de Andrade, que o lançou ao meio cultural agitado pelo movimento modernista.

Observação:

O trabalho de fotomontagens consiste em um conjunto de imagens recortadas a partir de livros e revistas (fragmentos de fotografias, pinturas ou desenhos), que são reorganizadas pelo artista de uma forma expressiva. O resultado é uma composição de imagens sobrepostas por meio da montagem.

Lembremo-nos de que, na década de 1920, o Modernismo ainda era um movimento restrito a pequenas elites intelectuais e não era amplamente divulgado ao público em geral. Além do Teatro Municipal de São Paulo, onde acontecera a Semana de Arte Moderna, dos restritos meios intelectuais e das revistas, restavam apenas notícias remotas sobre algum murmúrio entre os jovens paulistanos que arasavam nas noções estéticas formais.

É importante entender também que a Semana da Arte Moderna de 1922 foi consequência de um longo processo de modernização que já vinha acontecendo há tempos e tinha, no Brasil, a República como elemento impulsionador, ou seja, uma série de fatos se encaminhava para aquela Semana emblemática.

Neste momento, a cidade de São Paulo já era a maior metrópole brasileira, concentrando o maior número de imigrantes e se configurando como polo da industrialização. Os artistas empenhados em criar uma linguagem própria, condizente com a modernidade que chegava fulgurante, recebiam notoriedade, mesmo que aos poucos.

Enquanto isso, o Nordeste brasileiro começava a assistir à chegada das usinas, que se sobrepunham aos engenhos e tomavam o poder econômico e político que antes era dominado pelos coronéis e antigos senhores de engenho. Esse processo de transição abria espaço também para o crescimento do comércio com a abertura de novos portos.

O estado de Jorge de Lima, Alagoas, mantinha o modelo baseado na oligarquia rural, em que poucas famílias concentravam o poder político e econômico. A sociedade urbana dessa região crescia sobre essa estrutura baseada na agroindústria açucareira e no comércio.

No âmbito cultural, as mudanças na sociedade também eram sentidas. O Modernismo chegava ao Nordeste ainda como notícia de uma realidade longínqua, ofuscada e distorcida por críticos que recusavam aquelas rupturas. Porém, os jovens intelectuais, entre eles Jorge de Lima, já começavam a marcar suas impressões sobre tudo que acontecia em experiências literárias.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Poesia:

- XIV Alexandrinos (1914)
- O mundo do menino impossível (1925)
- Poemas (1927)
- “Essa Negra Fulô” (1928)
- Novos poemas (1929)
- Poemas escolhidos (1932)
- Tempo e eternidade – em parceria com Murilo Mendes (1935)
- A túnica inconsútil (1938)
- Poemas negros (1947)
- Livro de sonetos (1949)
- Vinte sonetos (1949)
- Obra poética – inclusão de Anunciação e Encontro de Mira-Celi (1950)
- “Invenção de Orfeu” (1952)
- Castro Alves – Vidinha (1952)

Romances:

- Salomão e as mulheres (1927)
- O anjo (1934)
- Calunga (1935)
- A mulher obscura (1939)
- Guerra dentro do beco (1950)

Infantil e juvenil:

- Aventuras de Malasarte (1942)

Ensaaios, história, biografia:

- A comédia dos erros (1923)
- Dois ensaios (1929)
- Anchieta (1934)
- Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien (Formação e política raciais no Brasil) (1934)
- História da Terra e da humanidade (1944)
- Vida de São Francisco de Assis (1944)
- D. Vital (1945)
- Vida de Santo Antonio (1947)

Aspectos gerais da produção literária do autor

A obra de Jorge de Lima é variada e percorre um longo caminho que reflete, além do processo de crescimento do poeta, sua disposição para se lançar a novos experimentos poéticos.

Didaticamente, podemos dividir sua obra nas seguintes fases (seguindo esta ordem): parnasiana; nordestina/modernista; religiosa; barroca intertextual.

Ele se lançou primeiramente como um poeta parnasiano, demonstrando sua habilidade com o rigor estético nos *XIV Alexandrinos*. O tema da infância

constituiu a sua preocupação constante, ao lado de outros como a província, o pecado, a queda, a carne e o amor. A vivência infantojuvenil é evidente nessa produção e permanecerá, de alguma forma, sempre expressa em sua poesia.

Poemas negros é uma obra situada na segunda fase – nordestina –, que se inicia em 1925, com o lançamento do poema “O mundo do menino impossível”. Nessa fase, o autor rompe com os altos padrões parnasianos e confraterniza com as necessidades de



renovação do Modernismo. Passa, então, a utilizar recursos novos nos poemas, tais como verso livre, linguagem coloquial, temas cotidianos e enumeração caótica, valorizando primordialmente os elementos afro-brasileiros e folclóricos. Nesse momento, Jorge de Lima se torna o principal poeta modernista do Nordeste, sendo importante mencionar a publicação, em 1929, do seu famoso poema “Essa negra fulô”.

Desde o início, é perceptível sua tendência a entrelaçar o texto com a música e a pintura. As ações

narradas, o registro de cenas em movimento e até mesmo a composição rítmica contribuem para a formação dos efeitos visuais e sonoros dos poemas. Essa propensão a aproximar a literatura da música e das artes visuais demonstra o caráter experimental do poeta, que se filia favoravelmente ao movimento modernista. Também é importante mencionar que a busca do autor por diferentes meios de expressão não se esgota na pintura, pois ele também teve experiências com escultura e fotografia.



A temática religiosa está presente em toda sua obra. Nessa fase nordestina, a motivação é voltada à espiritualidade católica popular. Podemos observar nitidamente a mistura entre temas da religiosidade negra com a tradição católica, expressando um traço brasileiro muito marcante, que é o sincretismo religioso.

Ainda na corrente cunhada no âmbito regionalista, Jorge de Lima escreveu os romances *O anjo* (1934) e *Calunga* (1935), que filiaram o escritor aos princípios estéticos e ideológicos do “romance de 30”.

Na terceira fase, a religiosidade se torna o centro da poesia. O livro *Tempo e eternidade* (1935), criado junto com Murilo Mendes, envolve-se na atmosfera mística-universal, em uma abordagem que evolui para o aspecto cosmogônico – formação do universo – e barroco de expressão.

Para decifrar e compreender os versos de Jorge de Lima, que especialmente nessa fase se tornam aparentemente incompreensíveis, é importante buscar as alusões e intertextualidades de que o poeta lança mão. Há muitos diálogos com os clássicos, entre eles: Camões (*Os Lusíadas*), Dante Alighieri (*A divina comédia*), Virgílio (*Eneida*) e John Milton (*O paraíso perdido*). A *Carta de Caminha* também ofereceu ao poeta importantes fontes do universo indígena, que, em todo momento, lhe interessou.

A consciência religiosa de Jorge de Lima atinge também a questão social. Naquele momento, ele já demonstrava preocupação com a necessidade de se preservar as culturas autóctones do mundo e adotar uma postura socioambiental mais sustentável.

Na última fase, podemos destacar a universalidade como principal experimento poético. A busca pela recuperação do mito resulta na totalidade capaz de atingir arquétipos. Nesse período, foi realizado seu célebre poema “Invenção de Orfeu”, o único poema épico lírico brasileiro. A obra pode ser considerada autobiográfica – uma epopeia que narra o percurso de um poeta em constante transformação espiritual, o qual busca apreender a essência poética brasileira.

Jorge de Lima transitou entre diversos universos: do engenho à usina, da casa-grande ao quilombo, da tradição bíblica aos orixás, da tradição portuguesa ao projeto de formação de uma literatura brasileira autônoma, do Nordeste ao Rio de Janeiro, da poesia metrificada à poesia livre e ao poema em prosa. Assim, para ler seus poemas, a melhor sugestão é ultrapassar as questões estéticas, como estrofes, sonetos, métricas e rimas, e deixar-se levar pelo texto, suas histórias e reflexões.



Aspectos gerais sobre a obra analisada

A primeira edição de *Poemas negros* foi lançada em 1947, com prefácio de Gilberto Freyre e ilustrações de Lasar Segall. O livro foi lançado com a força desses nomes que o acompanham e com a intenção de pleitear uma vaga na Academia Brasileira de Letras, mas não foi eleito pela comunidade literária, tendo sido posto de lado pela crítica por muitos anos.

A crítica à obra de Jorge de Lima nem sempre lhe foi favorável. Sempre houve muita polêmica em torno de seu talento, e, talvez por essa falta de consenso, o poeta não recebeu um lugar seguro no cânone da literatura brasileira.

Temos que reconhecer que ser o primeiro e único escritor a criar uma “epopeia moderna brasileira” de altíssima complexidade e erudição revela no mínimo uma atitude de muita coragem. A principal crítica negativa recebida por esse trabalho é referente à complicação das formas, visto que há uma desorganização geral na composição: fragmentária, caótica, dissoluta. Como se faltassem pedaços, parece que o poema se ergue sobre uma estrutura vazada.

Esse traço se opõe ao aspecto da clareza e simplicidade típico dos *Poemas negros* – que também foi criticado negativamente justamente por ser assim: simples.

Um exemplo de poema da obra em questão que possui simplicidade de escrita e compreensão é “Bicho encantado”, o qual também exemplifica a rica inserção de elementos advindos do universo africano. Com uma pequena descrição desse bicho, apresentando características que este não possui e comparando-o a outros animais, o poeta demonstra conhecimento real de temas regionais e motivos folclóricos que acompanharam sua vida desde criança. É possível observar uma naturalidade relativa no aproveitamento desses temas, que conferem um teor de autenticidade aos elementos regionais, próprios de alguém que vivera de fato aquela realidade.

No entanto, a expressão poética acaba se restringindo à reprodução de suas lembranças, e o resultado do processo criativo se resume à enumeração de nomes bantos, expressões de mitos, seres, comidas e lugares que conferem certo exotismo à linguagem. Há uma convivência variada de numerosos estilos, porém não há uma assimilação produtiva desses termos à linguagem particular do poeta.

A simplicidade, a clareza e o alto teor descritivo se estendem também à figuração das personagens. É possível observar, em alguns poemas, o retrato de personagens e situações típicas, de maneira semelhante ao processo pictórico de Lasar Segall. Tanto o poeta quanto o pintor demonstram tendência de conferir às figuras retratadas o estatuto mais de tipos do que individualidades.

Esses comentários acerca da clareza e do tema abordado por Jorge de Lima revelariam uma suposta desambiguação ou um sobrepeso na simplicidade; características estas que foram referidas como “gulodice de pitoresco” por Gilberto Freyre. Ainda nesse prefácio, Freyre, tendo em vista a condição do negro na sociedade, evidencia o fato de que Jorge de Lima, embora não fosse um indivíduo oprimido, desenvolveu uma obra voltada com simpatia para o negro.

Glossário

- **Pitoresco:** adjetivo que define o que é inusitado e que chama atenção por ser algo único.



De fato, existe mesmo essa característica de simpatia no tom utilizado para retratar determinados aspectos. No poema “Banguê”, por exemplo, que é correspondente com uma prosa homônima de José Lins do Rego, podemos observar os sentimentos de lamento e nostalgia vinculados à substituição dos modos antigos de extração da cana pelas máquinas industriais. É comovente o olhar perante as imagens da singeleza que não existe mais. Assim, conforme trechos desse poema, a “alegria das bagaceiras”, o “cheiro bom do mel”, o “mugir dos bois” e o “canto dos caboclos” foram derrubados pelas turbinas, que *tem o diabo no corpo* e que acabam “não deixando nada de caldo para as abelhas chuparem”.

Esses “banguinhos do país das Alagoas”, que foram engolidos pela usina, que mais parece um animal feroz, são descritos como algo idílico por meio de versos simples, elementos fraternos, humanos e afáveis e imagens límpidas e sem rebuscamento. O tom chega a ser infantil, evidenciado pelo uso recorrente de diminutivos.

Essa forma despojada está em dia com as motivações do Modernismo e, de certa forma, assemelha-se à visão de Oswald de Andrade, da cordialidade, ou de um olhar compassivo perante as diversas realidades brasileiras. O leitor é contagiado com a nostalgia do poeta, sendo levado a crer entusiasmamente nessas relações cordiais vinculadas ao banguê.

Em outros poemas, há um olhar solidário direcionado ao negro e à sua relação com o meio social. Em “Passarinho cantando”, por exemplo, podemos observar a intenção de imprimir a diversidade e expressar a mestiçagem. Nesse sentido, Gilberto Freyre aponta que o poeta Jorge de Lima recusara, em suas obras, a postura distanciada e arrogante de um homem branco, rico e erudito, tampouco explorara o olhar de “turista” ou “curioso” perante o negro e o indígena, tornando-se “carnalmente mestiço” ao falar de aspectos culturais e sociais.

As afirmações de Gilberto Freyre, especialmente ao ecoar questões previamente apresentadas em seu livro *Casa-grande & senzala*, são conhecidamente polêmicas. Embora todo seu discurso seja voltado à ordem da celebração da diversidade cultural e da mestiçagem, é preciso questionar suas palavras de apaziguamento entre as injustiças provenientes do colonialismo, visto que o autor reconhece a existência prática de preconceito racial no Brasil, mas ameniza suas iniquidades ao apostar nas misturas, acreditando em uma inserção fraternal do negro à vida do branco. Essa visão é bastante problemática, pois forja uma versão muito desejada, mas não exatamente condizente com a realidade.

No prefácio de *Poemas negros*, ele alega, inclusive, que a experiência brasileira tenha sido diferente (e melhor) que a norte-americana, pois aqui teria havido uma inclusão maior do negro:

No Sul dos Estados Unidos o descendente de africanos é figura à parte da literatura como da vida nacional. Mas não no Norte do Brasil – embora também aqui existam preconceitos de cor confundidos com os de classe. Existem, mas sem força para distanciar decisivamente os descendentes de africanos dos de europeus, a ponto dos primeiros só se exprimirem em folclores, excluídos sistematicamente do banquete literário.

FREYRE, Gilberto. "Prefácio à primeira edição (1947)". In: LIMA, Jorge de. *Poemas negros*. [s.l.] Editora Cosac Naify [s.d.]. p. 14.

Ainda de acordo com Gilberto Freyre, nossa literatura teria a vantagem de apresentar histórias em que o europeu, o negro e o indígena estão integralmente misturados. Então, a expressão brasileira que contempla essa multiplicidade pode proceder sem revoltas, sem violência; diferentemente da experiência norte-americana, em que existe quase sempre uma "atitude de defesa ou de agressão", aqui há uma "transusão de cultura" e, supostamente, uma aceitação.

Em contrapartida, as críticas contra essas ideias de Gilberto Freyre evidenciam a ilusão que é produzida ao forjar o mito da democracia racial. Como esse autor é prefaciador de Jorge de Lima e amigo do poeta, é preciso avaliar *Poemas negros* à luz da formação desse mito. Afinal, promover um exemplo da desejada harmonia racial, apresentando ao mundo nosso país como modelo dessa conquista, é um projeto bastante interessante, mas não condizente com o cenário social brasileiro.



As sinalizações que fizemos anteriormente, sobre a cordialidade, nostalgia e singeleza cunhadas nos poemas, também poderiam colocar o poeta alagoano na esteira movida por esses ideais de democracia racial.

Há inclusive um poema intitulado “Democracia”, que parece estar em sintonia com a apreciação de Gilberto Freyre. Nessa composição, o poeta fala em “adoçar o país”, e o eu lírico se coloca como um ser totalmente imerso em um universo em que “catecismo”, “mau-olhado”, “cobras” e “tapioca” estão dissolvidos em um fluido único e fraternal.

No final, o poeta ressalta a vantagem que lhe restou dessa miscelânea – o sujeito lírico, um homem branco: *nome de amor em todas as línguas de branco, de mouro ou de pagão*. Apesar da intenção de se fazer democrático, o sujeito acaba tendo que se posicionar. Há passagens em que é nítido o esforço para se aproximar solidariamente da senzala, porém o autor tem consciência de sua origem aristocrática e de sua distância social com a realidade vivida pelo negro.

Essa realidade, aliás, nada tem de fraternal, singela, cordial ou doce, e nesse ponto se concentra o principal problema de *Poemas negros*: é impressionante como podem conviver em um mesmo poema o tom amistoso e singelo com uma matéria narrada tão pesada. Assim, esse sentimento de solidariedade e esse viés paternalista parecem soar como alienação.

Como já dissemos no início desta análise, é preciso contemplar toda a obra de Jorge de Lima para entender o percurso de suas ideias. Como sua produção é autoalusiva, ou seja, o autor produz intertextualidades com seus próprios poemas, para compreender uma obra particular, é necessário contemplá-la por completo. Isso confere uma multiplicidade vital em sua criação, que revela aspectos importantes do pensamento e projeto literário do poeta. Assim, para se posicionar diante de todas as críticas feitas até aqui, é preciso procurar mais exemplos, como o poema “Maria Diamba”. Nessa composição, a personagem, que acaba falando sozinha, parece ter perdido a lucidez depois dos abusos sofridos. Nada mais lhe resta, senão fugir. Percebemos, então, que os temas da evasão e alienação, recorrentes nessa obra, voltam a aparecer em outros poemas.

Também é muito interessante observar como os temas são abordados de formas diferentes nas diversas fases do autor. Ao comparar, por exemplo, os poemas “Essa negra fulô” e “História” (de *Poemas negros*), podemos observar um aprofundamento da visão e uma capacidade maior de reflexão sobre a realidade. No primeiro poema, a relação entre a negra, o sinhô “seduzido” e a sinhá enciumada é abordada sob uma perspectiva bastante branda ao tratar essa situação de forma naturalizada, relativizando o sofrimento da negra. Já em “História”, é impossível ignorar o sofrimento da ex-princesa africana, desenvolvido ao longo de versos crescentes em tensão e dor.

Enfim, em uma outra composição, também de *Poemas negros*, intitulada “Ancila negra”, a dor da mulher negra chega ao ponto extremo quando as tentativas de evasão não são suficientes para lidar com tamanho sofrimento: a morte/o suicídio. Esse é o final trágico da personagem Celidônia, que foi babá de Jorge na infância.

Nesse último poema citado, é notável a ênfase dada à necessidade de “recalcar” (*Há muita coisa ainda a recalcar*), que sinaliza uma impossibilidade de esquecer o afogamento, como uma espécie de confissão de sentimento de culpa pelo fim trágico da negra – culpa sentida por um menino que era neto de senhor de engenho, enquanto inúmeros seres humanos não tinham outra possibilidade de libertação a não ser a morte.

O eu lírico se imobiliza (*parado em pequeno/mandingando e dormindo/muito dormindo mesmo*), como uma forma de evasão solidária, uma impotência plácida, um protesto involuntário, uma falta de fôlego e energia perante tamanhas atrocidades. Dessa forma, a dor vivida pelo negro passa a ser interiorizada na perspectiva do sujeito poético.

Assim, a denotação de singelo e descritivo apontados no início desta análise não pode mais se justificar plenamente, pois inicia-se uma aproximação com a matéria mais pesada da realidade. Podemos perceber que o plano límpido – típico de um olhar terno e afetivo, porém distante e idealizador – dá lugar a uma feição poética mais séria e pesada, até mesmo pelo ritmo mais lento dos versos.

Essa perda progressiva (de ritmo, palavras, lucidez, disposição e vida) observada no poema aponta para uma experiência inicial de estruturação que se desenvolve ao longo da obra de Jorge de Lima, atingindo maior êxito em “Invenção de Orfeu”. Os recortes fragmentários e desorganizados parecem se adequar melhor à narração da violência de objetos pesados, tais como os vividos pelos negros no Brasil do início do século passado.



QUESTÕES

1. Enem 2015 A população negra teve que enfrentar sozinha o desafio da ascensão social, e frequentemente procurou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança. Esporte, sobretudo o futebol, música, sobretudo o samba, e dança, sobretudo o carnaval, foram os principais canais de ascensão social dos negros até recentemente. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis, mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogâncias de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos.

J. M. Carvalho. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (Adapt.).

Em relação ao argumento de que no Brasil existe uma democracia racial, o autor demonstra que

- A) essa ideologia equipara a nação a outros países modernos.
- B) esse modelo de democracia foi possibilitado pela miscigenação.
- C) essa peculiaridade nacional garantiu mobilidade social aos negros.
- D) esse mito camuflou formas de exclusão em relação aos afrodescendentes.
- E) essa dinâmica política depende da participação ativa de todas as etnias.

2. Enem 2015

Voz do sangue

*Palpitam-me
os sons do batuque
e os ritmos melancólicos do blue.*

*Ó negro esfarrapado
do Harlem*

*ó dançarino de Chicago
ó negro servidor do South*

*Ó negro da África
negros de todo o mundo*

*Eu junto
Ao vosso magnífico canto
a minha pobre voz
os meus humildes ritmos.*

*Eu vos acompanho
pelas emaranhadas áfricas
do nosso Rumo.*

*Eu vos sinto
negros de todo o mundo
eu vivo a nossa história
meus irmãos.*

Disponível em: <www.agostinhoneto.org>.
Acesso em: 30 jun. 2015.

Nesse poema, o líder angolano Agostinho Neto, na década de 1940, evoca o pan-africanismo com o objetivo de

- A) incitar a luta por políticas de ações afirmativas na América e na África.
- B) reconhecer as desigualdades sociais entre os negros de Angola e dos Estados Unidos.
- C) descrever o quadro de pobreza após os processos de independência no continente africano.
- D) solicitar o engajamento dos negros estadunidenses na luta armada pela independência em Angola.
- E) conclamar as populações negras de diferentes países a apoiar as lutas por igualdade e independência.

3. Enem 2015

Texto I

Em todo o país a lei de 13 de maio de 1888 libertou poucos negros em relação à população de cor. A maioria já havia conquistado a alforria antes de 1888, por meio de estratégias possíveis. No entanto, a importância histórica da lei de 1888 não pode ser mensurada apenas em termos numéricos. O impacto que a extinção da escravidão causou numa sociedade constituída a partir da legitimidade da propriedade sobre a pessoa não cabe em cifras.

W. Albuquerque. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. (Adapt.).

Texto II

Nos anos imediatamente anteriores à abolição, a população livre do Rio de Janeiro se tornou mais numerosa e diversificada. Os escravos, bem menos numerosos que antes, e com os africanos mais aculturados, certamente não se distinguem muito facilmente dos libertos e dos pretos e pardos livres habitantes da cidade. Também já não é razoável presumir que uma pessoa de cor seja provavelmente cativa, pois os negros libertos e livres poderiam ser encontrados em toda parte.

S. Chalhoub. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. (Adapt.).

Sobre o fim da escravidão no Brasil, o elemento destacado no texto I que complementa os argumentos apresentados no texto II é o(a)

- (A) variedade das estratégias de resistência dos cativos.
- (B) controle jurídico exercido pelos proprietários.
- (C) inovação social representada pela lei.
- (D) ineficácia prática da libertação.
- (E) significado político da abolição.

4. Unicamp 2016 – A aquarela do artista João Teófilo, aqui reproduzida, dialoga com a pintura de Pedro Américo, “Tiradentes esquartejado” (1893).



Disponível em: <www.revistadehistoria.com.br/revista/edicao/118>.

Sobre a obra de João Teófilo, publicada na capa de uma revista em 2015, é possível afirmar que:

- (A) trata-se de uma obra baseada em um quadro do gênero da pintura histórica, sendo que no trabalho de Pedro Américo o corpo de Tiradentes no patíbulo afasta-se da figura do Cristo, exemplo maior de mártir.
- (B) utilizando-se das mesmas formas do corpo esquartejado de Tiradentes pintado por Pedro Américo, o autor limita o número de sujeitos esquartejados e acentua o tom conservador da aquarela.
- (C) a imagem fala sobre seu contexto de produção na atualidade, utilizando-se do simbolismo de Tiradentes, e procura ampliar a presença de negros como sujeitos sociais nas lutas coloniais e antiescravistas.
- (D) Tiradentes consolidou-se como um mártir nacional no quadro de Pedro Américo, daí a necessidade do pintor de retratar seu corpo esquartejado. A obra de João Teófilo mostra que os mártires, embora negros, são um tema do passado.

5. A frase característica de Macunaíma, de Mario de Andrade, é “Ai, que preguiça!”. A celebração da preguiça é uma forma de contestar a ética protestante do trabalho, que impõe ao mundo todo um ritmo acelerado, em conformidade com a dinâmica industrial. De que forma os versos a seguir, extraídos do poema “Banguê”, do livro *Poemas negros*, se relacionam com a disciplina intransigente da ética protestante de trabalho?

Onde é que dormem de papos para o ar os bebedores de resto de alambique?

[...]

Nos domingos tinha missa na capela

E depois da missa uma feira danada:

[...]

E o banguê que só sabia trabalhar cantando

[...]

E suas sinhás dengosas amantes dos banhos de rio e de redes de franja larga!

Jorge de Lima. “Banguê”. *Poemas Negros*. [s.l.] Editora Cosac Naify. [s.d.]

6. Considerando o poema “Olá! Negro”, da obra *Poemas negros*, de Jorge de Lima, explique como ele justifica (ou não) a afirmação do crítico Alfredo Bosi, apresentada a seguir:

Mas a carga afetiva sublimada em prece não é o único traço de união entre a poesia negra e a poesia bíblico-cristã de Jorge de Lima: perpassa por ambas um sopro de fraternidade, de assunção das dores do oprimido, socialismo inerente a toda interpretação radical do Evangelho.

Alfredo Bosi. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.

7. Observe o quadro a seguir e relacione-o com o poema “Olá! Negro”, de Jorge de Lima. A imagem e o texto abordam uma questão em comum? Explique.



Modesto Brocos, *Redenção de Cã*, 1895, óleo sobre tela, Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil.

8. Para entender o percurso poético de Jorge de Lima, é preciso abordar diferentes momentos de sua produção. O poema “Xangô” foi escrito duas vezes; na primeira foi publicado no livro *Poemas*; e na segunda, em *Poemas negros*. Ao confrontar as duas versões desse poema, que tratam exatamente do mesmo tema, podemos observar uma mudança da perspectiva adotada pelo autor. Porém, o trecho a seguir está presente em ambas, sem modificação alguma.

Redobram o tan-tan, incensam maconha!

Oxalá sorri...

E a preta mais nova com as pernas tremendo,

no crânio um zum-zum,

no ventre um chamego

de cabra no cio... Ê! Ê!

Jorge de Lima. “Xangô”. *Poemas Negros*. [s.l.] Editora Cosac Naify. [s.d.]

O fragmento desvela uma dimensão comprometedoras das figurações mais antigas do negro em Jorge de Lima, pois

- A) apresenta traços de animalidade e sujeira.
- B) ignora a marginalização do negro no cenário político.
- C) reforça a ideia de superioridade do branco.
- D) destaca apenas a embriaguez do negro.
- E) desconsidera a libertação dos escravizados.

9. Leia o trecho extraído do poema “Banguê”:

*O meu banguzinho era tão diferente,
Vestidinho de branco, o chapeuzinho do telhado sobre os olhos, fumando o cigarro do boeiro pra namorar a mata virgem.*

Jorge de Lima. “Banguê”. *Poemas negros*. [s.l.] Editora Cosac Naify. [s.d.]

São efeitos utilizados para produzir o tom de ternura e afabilidade ao objeto poético a

- A) originalidade e inovação.
- B) erudição e profundidade.
- C) fragmentação e colagem.
- D) humanização e infantilização.
- E) ironia e paródia.

10. A forma utilizada no poema “Banguê” é considerada modernista, despojada, direta e límpida, sendo mostrada em imagens muito claras a matéria narrada. No entanto, a realidade retratada é muito pesada, carregada de dor e iniquidades. Destaque os problemas dessa forma de representação.

11. No poema “Benedito Calunga”, o principal aspecto que produz o efeito da oralidade é

- A) a utilização de vocábulos africanos.
- B) a métrica e rima.
- C) o conteúdo narrado.
- D) as metáforas e onomatopeias.
- E) a repetição dos termos e expressões.

12. Considerando o poema “Janaína”, da obra *Poemas negros*, explique de que forma os versos finais (– *Janaína dá licença/que eu me afogue no seu mar?*) se opõem aos anteriores?

13. No poema “Rei é Oxalá, rainha é Iemanjá”, o poeta inverte uma tradição hegemônica para valorizar as divindades de origem africana. Em uma atitude de respeito, ele se assume como parte dos negros que evocam os orixás para clamar por compreensão e alívio de suas angústias. Assinale a alternativa que apresenta as duas expressões desse poema que remontam à história mitológica da religião africana.

- A) “Rei é Oxalá”/“rainha é Iemanjá”.
- B) “nasceu sem se criar”/“pariu sem se manchar”.
- C) “a vós respeito”/“a vós peço vingança”.
- D) “que nos escravizam”/“que nos exploram”.
- E) “servos do mundo”/“servos dos outros servos”.

GABARITO

1. D
2. E
3. C
4. C
5. A ética protestante de trabalho também é combatida nesse poema que se filia ao projeto modernista. Nos versos de “Banguê”, a usina é denotada de forma “triste como uma igreja sem sino” e “como um templo evangélico”. Todos os aspectos da modernização do banguê são mostrados de forma negativa, totalmente isenta de prazer. Portanto, o poema expressa o modelo anterior, livre das amarguras do projeto dos EUA, de forma terna e afetiva, lamentando profundamente a (suposta) tranquilidade perdida. Essa calma remonta ao aspecto da preguiça: “Onde é que dormem de papos para o ar os bebedores de resto de alambique?”.
6. A “bondade” e a “virgindade” são traços vinculados ao negro, colocados como os detentores do poder de redenção, que provocaria uma mudança na “alma branca cansada de todas as ferocidades”. As imagens produzidas com os versos “apanhavas com vontade de cantar/choravas com vontade de sorrir” remontam à crucificação de Jesus Cristo, sendo o negro posto como aquele que foi levado ao sacrifício para atingir a salvação de outros. A opressão e a inclinação às ideias socialistas ficam evidentes nos versos “Negro, ó proletário sem perdão/proletário, bom,”, que sugerem que o negro era lançado ao trabalho em doses excessivas, que o levavam à súplica “para o dia acabar e negro dormir!”.
7. Ambas as expressões aludem às teorias raciais que se desenvolviam no fim do século XIX na Europa. O quadro relata o episódio bíblico da maldição lançada por Noé sobre seu filho Cam, em uma passagem que, naquele momento, serviu convenientemente como justificativa para a manutenção do tráfico de negros africanos. Na imagem, a avó negra sinaliza um gesto de agradecimento pelo “branqueamento” do neto por meio da miscigenação. O texto também faz menção a esse “apagamento” gradual do negro através das gerações, porém de uma forma mais sentida, com certo tom de lamento (pois denuncia a ideia da negritude como uma maldição).
8. A
9. D
10. O eu lírico lamenta a perda de um modelo antigo. Os versos são singelos e refletem um sentimento nostálgico perante a transformação daquele ambiente. Porém, a realidade anterior, lembrada com ternura, é terrivelmente bruta. Assim, no mesmo bloco de versos, convivem elementos afáveis – como a alegria, o mel cheiroso e os pães de açúcar – com sinais de extrema violência – como bêbados (“bebedores de resto de alambique”), “senhores de espora” e, principalmente, “negros queimados na fôrnalha”. Essa convivência é suspeita: expressar uma matéria severa e brutal de forma terna e idílica é, no mínimo, estranho, pois não há como lamentar a perda de uma realidade tão cruel.
11. E
12. O poema se desenvolve desde o início em tom leve, quase didático. Janaína é a divindade das águas, e o leitor que não conhece as religiões de origem africana tem a oportunidade de entrar em contato, mesmo que superficialmente, com o universo dos búzios, peixes e cavalos-marinhos. Janaína vai percorrendo um caminho pitoresco nesse poema. Porém, no final, o sujeito lírico lhe pede “– Janaína dá licença/que eu me afogue no seu mar?”, o que transforma o tom do poema drasticamente em algo sombrio e severo. Quando o sujeito lhe pede licença e se refere a “seu mar”, ele automaticamente se posiciona como alguém de fora, que não pertence àquele mundo, e pede permissão para entrar nessa água para se afogar. Parece, assim, uma forma de se solidarizar radicalmente com os negros que cometem suicídio como alternativa desesperada contra as injúrias da vida ou, ainda, uma forma de compensar o desconcerto ocasionado pela morte de Celidônia (a personagem descrita no poema “Ancila negra” – babá de Jorge de Lima que cometeu suicídio por afogamento).
13. A

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP

Fone: 12 3924-1616

editora@sistemapoliedro.com.br